

Renato
Modernell

Um sábado que não existiu

Ensaio sobre comunicação e cultura


summus
editorial

 Editora
Mackenzie

Copyright © 2015 Renato Modernell.

Todos os direitos reservados à Editora Mackenzie e à Summus Editorial Ltda.
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio
ou forma sem a prévia autorização das editoras Mackenzie e Summus.

Coordenação editorial: Joana Figueiredo
Projeto gráfico de capa e miolo: Alberto Mateus / Crayon Editorial
Diagramação e revisão: Crayon Editorial
Copidesque: Carlos Villarruel

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Modernell, Renato

Um sábado que não existiu : ensaios sobre comunicação e cultura /
Renato Modernell. São Paulo : Editora Mackenzie : Summus, 2015. –
(AcadeMack)

ISBN: 978-85-8293-257-5 (Editora Mackenzie)

ISBN: 978-85-323-1027-9 (Summus Editorial)

Bibliografia

1. Comunicação e cultura 2. Jornalismo 3. Jornalismo literário I. Título.
II. Série.

15-03721

CDD-070.4

Índice para catálogo sistemático:

1. Comunicação e cultura : Ensaios : Jornalismo 070.4

EDITORA MACKENZIE
Rua da Consolação, 930
Edifício João Calvino
São Paulo – SP – CEP 01302-907
Tel.: (5511) 2114-8774
editora@mackenzie.br
www.mackenzie.br/editora.html

SUMMUS EDITORIAL
Rua Itapicuru, 613, 7ª andar
CEP 05006-000 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3872-3322 - Fax (11) 3872-7476
www.gruposummus.com.br

Sumário

INTRODUÇÃO: Entre aspas	10
Um sábado que não existiu	› 20
Autoria e originalidade	›› 40
<i>Ex Oriente lux</i>	››› 46
Reencontro com o mestre	›››› 58
Os dez mil polos de Marco Polo	››››› 92
Gomes e Saramago	›››››› 112
REFERÊNCIAS	137
ÍNDICE	140

Introdução

Entre
aspas

OS SEIS TEXTOS AQUI REUNIDOS EXPLORAM, CADA QUAL ao seu modo, o universo da cultura, das comunicações sociais e do aprendizado. Diferentes na temática e na abordagem, compartilham uma herança genética. Neles se ouve a voz de alguém que continua a ser, na essência, um jornalista, mesmo após estabelecer-se na vida acadêmica.

Antes de me tornar professor universitário, já havia trabalhado por mais de três décadas como repórter, redator e editor nas mais diversas publicações. No meio jornalístico, podia-se notar certo *desdém* em relação à figura às vezes um pouco inflada do *scholar*, ou pelo menos daqueles que faziam pose, dando a impressão de já falar entre aspas.

No entanto, como jornalistas, dependíamos dos estudiosos e especialistas para escrever sobre temas complexos, que não podiam ser formulados apenas na base do raciocínio e da percepção. Nesses casos, era indispensável *pegar umas aspas*, como se dizia na gíria da redação, em referência ao ato de colher declarações dos nossos entrevistados. Aquele *desdém*, ostensivo ou sutil, rendia tiradas irônicas do tipo: “Na academia, eles ensinam como você tem que dizer aquilo que você já sabe”, “Quem sabe faz, quem não sabe ensina”. E por aí afora.

Todo *desdém*, suponho, esconde algum despeito. A verdade é que muitos jornalistas, sobretudo os mais qualificados, gostariam de poder dedicar a um assunto apaixonante o mesmo tempo de reflexão de quem escreve um ensaio, uma

tese, em vez limitar-se a um artigo ou a uma reportagem. Mas a vida real não costuma ser tão pródiga quanto os nossos desejos. Para ganhar o pão, dentro de cada atividade, é preciso se sujeitar aos seus ciclos, seus prazos, seus limites de tempo e espaço.

A vida do jornalista é como a de um cigano que cruza sucessivas cidades, o que pode ser tanto um privilégio quanto uma maldição, pois jamais poderá fixar residência em nenhuma delas, por mais que queira. Quanta adrenalina em busca de coisas que amanhã não terão a menor importância! Quanta inveja de quem podia contar com verbas e prazos generosos para estudar a mais discreta espécie das formigas. Em vez disso, nós, jornalistas, tínhamos de nos estressar pelas ruas da cidade correndo atrás de fulano ou beltrano (às vezes, um lorpa) à caça de míseras *aspas*.

No entanto, devo a todos aqueles anos na prática do jornalismo o fato de ter conseguido algum traquejo na lida com ideias e informações. O jornalista tem de aprender a captá-las na medida certa, organizá-las em tempo hábil e oferecê-las ao leitor de forma compreensível, mas não rasa, dando preferência à linguagem imagética sobre a conceitual, que é própria dos especialistas. Impedir os meandros do pensamento de atrapalhar a fluidez da escrita já era um desafio introjetado em mim, como jornalista, quando aportei na academia em agosto de 2006.

Os textos reunidos neste livro ilustram esse esforço. Foram escritos ao longo de 11 anos, entre 2001 e 2012, sendo alguns deles resultado de trabalhos vinculados ao meu mestrado em Jornalismo na Universidade de São Paulo (USP) e, a seguir, ao meu doutorado em Letras na Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), onde passei a atuar como professor.

O ensaio “Um sábado que não existiu”, que dá título ao livro, foi elaborado para um congresso de Jornalismo Literário na Finlândia, do qual participei no primeiro semestre de 2013. Nesse ensaio, procuro explicar a um público estrangeiro como é e como surgiu a crônica nos moldes em que a conhecemos no Brasil. Trata-se de um gênero literário muito peculiar e, creio, bastante representativo do caráter nacional, à semelhança da Bossa Nova.

Nesse mesmo texto, analiso uma reportagem publicada pela revista *Realidade* em 1966, de autoria de José Carlos Marão. Devo dizer que sou grato a ele pelas oportunidades que tive, como repórter, na década de 1980. Marão acolheu-me na redação de *Quatro Rodas*, que ele então dirigia, e ali tive algumas das experiências mais valiosas da minha carreira no jornalismo.

“Autoria e originalidade” parte da comparação entre duas frases semelhantes, uma de Jung e outra de Einstein, nas quais uma leitura apressada poderia detectar indícios de plágio. Plágio? Ora, direis, ouvir estrelas! Então quer dizer

que pensadores do porte de Jung e Einstein precisariam plagiar alguém? Sim e não, eis a questão.

O que se discute nesse ensaio é justamente até que ponto uma ideia pode “pertencer” a alguém, se as matrizes do pensamento, por sua dinâmica interna, tendem a determinar resultados tão semelhantes em áreas de atuação tão distintas. O que nos parece plágio, portanto, em muitos casos, em vez de tratar-se de cópia ou usurpação, poderia ser apenas uma simples coincidência no ponto de chegada.

“*Ex Oriente lux*” e “Reencontro com o mestre” contemplam, por vias diferentes, um tema que sempre me interessou, mas nunca tanto quanto nos últimos anos, desde que me tornei professor. É o aprendizado, o ensino, a transmissão do saber – como esse processo ocorre ou não ocorre, e por quê. Não penso no ensino como um sistema, pois não sou um estudioso da educação, mas como um fenômeno que flui no cotidiano. Às vezes, eu diria, ensinar é até um pequeno milagre, como a bolha de sabão. O primeiro desses dois textos é também um tributo ao professor mais importante que tive na faculdade. O primeiro gênio que conheci.

“Os dez mil polos de Marco Polo” é mais uma tentativa de consolidar, como já fiz muitas vezes e de várias maneiras, minhas reflexões sobre o ato de viajar. Esse interesse remonta aos verões da minha infância. No hotel da nossa família, no Sul, com uma mistura de inveja e nostalgia, eu via

os hóspedes chegarem e partirem para lugares distantes. As etiquetas vistosas, coladas em suas malas de couro, me instigavam a sonhar que um dia chegaria a minha vez de partir – ao invés de ficar.

Dito e feito. Ao terminar a faculdade, em São Paulo, logo tratei de vender o fusca, juntar os caraminguás e me lançar na primeira viagem à Europa. Tudo meio na base da aventura, sem agenda, sem passagem de volta, pois o dinheiro mal dava para ir. E o mais importante: de navio. A lentidão daqueles 16 dias no mar implantou em mim, como um estado permanente, dilatado, aquela breve vertigem que, nos aviões, não passa de uns míseros minutos durante a decolagem, quando nos desgarramos do solo e da rotina.

Cruzar as ondas do Atlântico, uma a uma, sem estar em lugar algum senão em mim mesmo, foi minha grande experiência da juventude. Ali comecei a descobrir aquilo que, com o tempo, se tornaria uma convicção: a viagem é, sobretudo, o jeito de viajar. Marco Polo soube disso como ninguém. Algumas vezes cheguei a pensar que esse homem viveu a vida que eu gostaria de ter vivido, se pudesse. Mas a mim coube escrever livros.

O livro se encerra com uma análise comparativa entre dois romances históricos. Em “Gomes e Saramago”, procuro averiguar que fatores e procedimentos tornam *A solidão segundo Solano López* e *História do cerco de Lisboa* duas obras-

-primas da língua portuguesa, e em que pontos elas convergem ou contrastam.

Nada mais diferente do que o destino desses dois autores. José Saramago, Prêmio Nobel em 1998, falecido em 2010, permanece altaneiro na mídia cultural, mas Carlos de Oliveira Gomes, mesmo em vida, foi quase ignorado. Merecia muito mais. E não apenas pela alta qualidade do seu texto, mas também porque o tema de fundo de seu único romance, a guerra do Paraguai, divisor de águas na história do nosso continente, há mais de um século e meio reclama intérpretes talentosos e desvinculados das versões oficiais. Gomes foi exatamente isso.

A maioria dos textos que apresento guarda certa relação com aquilo que eu chamaria de *o mundo visto com olhos de repórter*. É como ainda me sinto diante das coisas e das pessoas, embora, nesses últimos anos, esteja menos atuante no jornalismo. Mas que mundo é esse, visto *com olhos de repórter*? Ora, é o mundo do efêmero projetado sobre uma base que lhe dá peso poético, ali onde a engenharia da frase ocupa o centro do palco.

Neste livro, o repórter não publica reportagens. Em vez disso, apresenta reflexões sobre pessoas, lugares, ideias, maneiras de exercer o ofício. A unidade dos textos é dada menos pelo tema do que pelo modo de observação. Neles, o leitor talvez encontre resíduos nostálgicos de um jornalista que o

destino transformou em professor, como para lhe dobrar a língua. Devo admitir que já estou confortável e até gratificado nessa inesperada atividade que o destino me reservou. Há dias, no entanto, em que me sinto como um forasteiro na academia. Ainda não aprendi a falar entre aspas.

SÃO PAULO, MARÇO DE 2015.

Um
sábado
que não
existiu

I

HOJE VAMOS RELEMBRAR UM DIA QUE NUNCA EXISTIU. Para isso, no entanto, temos de falar antes sobre um ano que, esse sim, existiu mesmo. E 1966 não só existiu, sem dúvida, como foi marcante na história do jornalismo brasileiro.

No período entre 1964 e 1968, o Brasil vivia a primeira fase, mais branda, de uma ditadura que haveria de se estender por duas décadas, deixando cicatrizes na carne e na alma de diferentes gerações. Essa era a época de implantação do regime militar, já repressiva, mas ainda não sanguinária. Enquanto nos sentíamos como dentro de um calabouço, lá fora, na maioria dos países ocidentais, desfrutava-se de uma fase de democracia e prosperidade.

Na década de 1960, o Brasil estava em mutação. Ainda era um país arcaico em suas vias capilares, nos povoados e nas pequenas cidades do interior, porém os ventos da modernidade, vindos de longe, oxigenavam nossos principais centros urbanos. Havia efervescência nas áreas das artes e do pensamento. Consolidava-se, entre nós, uma vigorosa indústria cultural. Novos jornais, novas revistas, novas coleções

Este ensaio, em forma condensada e sob o título “A Saturday that never existed”, foi apresentado pelo autor na Universidade de Tampere, na Finlândia, em 17 de maio de 2013, durante a VIII Conferência da International Association for Literary Journalism Studies (IALJS-8).